

MANIFESTO. 1

Projeto/Revisão do Poema I Want a Dyke for President, de Zoe Leonard, 1992

Companhia de Teatro da UFPR

A Companhia de Teatro da UFPR, desde sua reformulação em 2019, atua na interseção entre processos de pesquisa, experimentações e produções cênicas, buscando aliar-se às inquietações poéticas e pedagógicas da cena contemporânea, priorizando sempre a composição de elencos rotativos anuais atentos às dissidências de gêneros e sexualidades, às diversidades étnico-raciais e a reflexão sobre práticas, narrativas e processos de criação em escuta e prática às urgências de nosso tempo.

No ano de 2019 a CIA de Teatro da UFPR promoveu a primeira edição do Cena DiverCidade, evento composto por rodas de conversa, oficinas e cinedoc's pensando as existências e processos criativos de artistas LBGTQIA+ da cidade de Curitiba. O revelou também uma etapa pedagógica para composição e

estreia do espetáculo da CIA, LAMPIÃO (2019), produção teatral documentária que relembrou os anos de circulação do primeiro jornal homossexual brasileiro que circulara durante a ditadura militar, o Lampião da Esquina.

Desde de 2020, seguindo as normas e diretrizes sanitárias de combate à pandemia da COVID-19, a CIA promove oficinas e processos criativos de modo remoto através de encontros semanais por videoconferência e produções em vídeo realizadas diretamente de nossas casas. Em junho deste ano, a CIA debruçou-se sobre a leitura, tradução e reflexão do poema I Want a Dyke for President, de Zoe Leonard (EUA). A obra carta foi escrita em 1992 inspirada no anúncio da campanha presidencial de Eileen Myles. As palavras de Zoe seguem atuais ao confrontarem a dominação de candidaturas

cis-hétero-masculina-branca aos principais cargos de poder, reflexo de um projeto de extermínio e morte que atualizam-se nos últimos tempos reforçando necropolíticas e apagamentos de existências não obedientes à cisheteronorma, ao fascismo institucional e afetivo. Para participação na programação do Mês do Orgulho LGBTQIA+ da UFPR, a Companhia partilhou o vídeo MANIFESTO.1, um projeto revisão do poema de Zoe Leonard, cujo texto fora relido e atualizado pelo elenco a partir da inserção de debates, termos e olhares para as dissidências de gênero, sexualidade e étnico-raciais que compõem nosso elenco, colocando em questão e recusa às principais esferas de poderes políticos coloniais, racistas, elitistas, denunciando os projetos de cerceamentos e silenciamentos institucionalizados em nosso país. Para a produção do vídeo, cada uma das 20 integrantes da CIA, composto em sua maioria por pessoas LGBTI, propuseram reescritas a partir do poema original, posteriormente transcritas num único texto findo após debate entre elenco e direção sobre a proposta final que melhor contemplaria nossas reivindicações, a partir de nossas diferenças e diversidade em convívio na Companhia, e que poderiam traduzir uma paisagem de futuro pela projeção da diversidade de vozes, corpos e/ou espaços de poder. MANIFESTO.1 é antes um sonho em

fúria, um desejo que ganha corpo à medida que repensa linguagem e narrativa, tencionando nossas imagens de presente e futuro, habitando esse lugar de revolta e luta pela vida. A todes nós estudantes, servidoras e agentes de criação e ação no contexto universitário, potências LGBTQIA+ em movimento de criação, às pessoas que aqui resistiram antes de nós, às que agora agem apesar do agora, agem porque sonham e não negociam suas existências, estamos por aquelas que aqui seguirão lutando por garantias irrestritas, pelo direito ao conhecimento, acesso, a fala, à criação e a circulação de nossos saberes. Fazer da Universidade pública um espaço de insurgências, onde as diferenças LGBTQIA+ sigam criando fissuras, tornando possíveis novas e outras existências, lançando sobre a insustentável idéia de uma tradição excludente novos olhares de criação e transformação, de saberes e fazeres aos espaços, corpos e experiências; pelo diálogo ético, estético e político entre a universidade e as comunidades. Que a Universidade pública em suas articulações junto às comunidades siga aprendendo com as vidas LGBTQIA+ novos e sempre outros modos de afirmar e resistir: Sim, nós estamos aqui!

Rafael Lorrán - Professor, dramaturgo, diretor, byxa. Diretor de Artes Cênicas da UFPR. Diretor artístico e administrativo da CIA de Teatro da UFPR.

FICHA TÉCNICA

texto e presenças em vídeo: andré francisconi, brigtty zelinski, donna bagos, juliana janeiro, joã klüber, karime limeira, maria veloso, mariana carreta, majo farias, marlon roger, patricia ressureição, rafael lorrán, romário nascimento, rúbia rodrigues, siamese, silvester neto, solaris, victor oliver, yasmin mena, willa thomas.

direção: rafael lorrán.

edição de áudio: donna bagos e leonardo gumiero.

edição de vídeo: orestes jorge e donna bagos.

apoio captações: solaris, aguzta, stephane bacelar, josé cosmo, luana rodrigues, orestes jorge, carolina santana.

canção: throughout the madness, stay strong (Sons of Kemet)

arte gráfica: rodrigo queiroz

LINK PARA ACESSO A VÍDEO-MANIFESTO:

<https://www.youtube.com/watch?v=bA8ki4oJBwg>



TEXTO ORIGINAL

(I Want a Dyke for President, Zoe Leonard, 1992)

Quero uma presidenta sapatão.
Quero uma presidenta soropositiva, e quero uma bicha na vice-presidência, e quero alguém que não tem plano de saúde, e quero alguém que cresceu numa terra tão saturada de lixo tóxico que não tinha a opção de não contrair leucemia.
Quero uma presidenta que abortou aos dezesseis, e quero uma candidata que não seja o menor dos dois males, e quero uma presidenta que perdeu seu último amor para a AIDS, que segurou nos braços alguém que amava e que sabia que estava morrendo, que ainda vê a cena diante de si cada vez que fecha os olhos à noite.



Quero uma presidenta que não tem ar-condicionado, uma presidenta que pegou fila na clínica, no departamento de trânsito, no escritório da seguridade social, e que ficou desempregada e foi demitida e sexualmente assediada e agredida por ser gay e deportada. Quero alguém que passou a noite na cadeia e em cujo gramado fincaram uma cruz em chamas e que sobreviveu ao estupro. Quero alguém que se apaixonou e foi magoada, que respeita o sexo, que cometeu erros e aprendeu com eles. Quero uma presidenta negra. Quero alguém com dentes estragados e durona, alguém que comeu a comida horrível dos hospitais, alguém que se veste com roupas do outro sexo e que usou drogas e fez terapia. Quero alguém que cometeu desobediência civil. E quero saber porque isso não é possível. E quero saber porque aprendemos em algum ponto que o presidente é sempre um palhaço: sempre o cliente e nunca a prostituta. Sempre um patrão e nunca um empregado, sempre um mentiroso, sempre um ladrão e nunca pego.

«Quero uma presidenta...». Zoe Leonard. 1992.

MANIFESTO.1

(Revisão do poema I Want a Dyke for President de Zoe Leonard, 1992, proposta pelo elenco da CIA de Teatro da UFPR, 2021)

eu quero uma trava sapatão para presidente. e quero uma byxa indígena não binária para vice presidente. alguém sem ar condicionado, e que tenha crescido num lugar onde a terra é ameaçada, negada. eu quero um presidente sem plano de saúde, e que tenha esperado cinco anos para uma consulta especializada pelo sus. eu quero o sus. e quero uma governante que tenha perdido um grande amor para a aids e ainda o veja cada vez que fecha os olhos para descansar, que teve em seus braços a pessoa amada sabendo que iria morrer. eu quero uma presidente que tenha

sentido a dor da disforia de gênero, alguém que tenha sido exorcizada e sobrevivido a um estupro. alguém que tenha estado numa fila da upa, do detran, da doação de órgãos. quero alguém que tenha estado apaixonado e que sofreu por amor, alguém não correspondido, alguém que tenha se sentido incapaz de ser amada. quero um governante boyceta bi. alguém que respeita o sexo, alguém que não queira fazê-lo, alguém que tenha cometido erros e aprendido com eles. quero alguém com dentes ruins, alguém sem plano odontológica, alguém sem dentes, com xuxu, alguém que diante do espelho tenha vivido medo do reflexo. quero um presidente que tenha feito aborto aos 16, alguém que tenha sido expulsa de casa, que tenha se formado cotista numa universidade pública. quero uma mulher preta para presidenta.



eu quero uma byxa preta e afeminada que nasceu, estudou e sobreviveu a um lugar onde a cada 23 minutos uma corpa negra é assassinada.

quero uma governante que tenha sido oprimida até engolir as lágrimas e voltar pra esquina. quero uma presidente que tenha sofrido assédio sexual e sido vítima de crime lgbtfóbico.

quero alguém que teve o afeto familiar negado, que só conheceu o afeto fora de casa, que foi impedido de usar o banheiro, o próprio nome, alguém que tenha tido um pedido de socorro policial recusado. quero alguém que tenha

cometido desobediência civil. que tenha jantado comida de hospital, alguém que tenha feito terapia, que tenha trocado de terapeuta até sentir-se ouvida de verdade. e quero saber porque isso ainda não foi possível, fazer entender, quando é que começaram a acreditar que um presidente é sempre ele, cis alo branco classe média alta, sempre um cliente, nunca uma puta, quase sempre um patrão, quase nunca um trabalhador. é por fazer diluir as narrativas desse poder, é por sobreviver a ele apesar dele, é por fazer do poder trabalho de nossas mãos.



sou a palavra do corpo de um futuro possível

sou as mãos da criação em fúria na encruzilhada sul do mundo





a revolta a solta, a revolta a viva voz





giro, esconjuro, gongo, grito
ofereço, recuso, arraso, não esqueço
sou a matéria do sonho que não adormece
a imagem viva do livramento
a tormenta, a promessa, a ternura, a pressa, a fissura, a cura nítida
e escura da paisagem do poder
não tarda, mirando daqui dá pra ver

ouvirá:






A revolta a solta,



a revolta a viva voz



Sou as mãos da



criação em fúria na encruzilhada sul do mundo